



ANAIIS

IV Encontro Região Sul de Etnobiologia e Etnoecologia
VII Seminário Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar
II Feira de Sementes Crioulas na Alimentação
IV Seminário de Frutas Nativas do RS
III Seminário das Agroflorestas do RS

26 a 28 de novembro de 2019

Capão do Leão/RS





ANAIS

GUARDIÕES DA SOCIOBIODIVERSIDADE: SEMENTES CRIOULAS, FRUTAS NATIVAS E AGROFLORESTAS

IV Encontro Região Sul de Etnobiologia e Etnoecologia
VII Seminário Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar
II Feira de Sementes Crioulas na Alimentação
IV Seminário de Frutas Nativas do RS
III Seminário das Agroflorestas do RS

ISBN 978-65-86232-75-2

PORTO ALEGRE
Novembro de 2020



Tekoá Pindó Mirim: experiências no fortalecimento da soberania e segurança alimentar e nutricional em uma aldeia na região metropolitana do Rio Grande do Sul

Tekoá Pindó Mirim: experiences in strengthening Food and Nutrition Sovereignty and Security in a village in the metropolitan region of Rio Grande do Sul

Valencia, José¹; Do Amaral Peruzzo, Gustavo²; Coelho-de-Souza, Gabriela³

¹Mestrando em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRSG), josevalenciaespina@gmail.com; ²Mestrando em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRSG), gugaperuzzo@gmail.com; ³Docente e coordenadora do Programa em Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRSG), gabrielacoelho2018@gmail.com

Eixo temático: Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

Introdução

Transformações de territórios ancestrais indígenas em Unidades de Conservação, suportados por um discurso ambientalista e colonialista, se repetem ao longo da história por toda América Latina. Exemplos de lutas cotidianas mantêm vivas e latentes tradições, culturas e modos de vida que buscam (re)existir apesar da violência estrutural impostas pelo velho e atual modelo ocidental.

O presente relato de experiência narra histórias, aprendizados e vivências junto à Aldeia Tekoá Pindó Mirim, no distrito rural de Itapuã no município de Viamão, no limite sul da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. A abertura dada aos autores pela comunidade indígena, permitiu-nos conhecer e experienciar a busca diária dos Mbyá Guarani para a construção e o fortalecimento da soberania e da segurança alimentar e nutricional da aldeia.

Este relato está organizado em duas partes, além desta introdução. A primeira relata as experiências da aldeia no fortalecimento da soberania e segurança alimentar e nutricional. A última seção apresenta as considerações finais.

Experiências em soberania e segurança alimentar e nutricional compartilhadas no contexto de pesquisa

Destaca-se a acolhedora acolhida, a gentil abertura e a boa disposição dos(a) atores(a) da aldeia não apenas em abrir seu espaço, suas casas e suas vidas conosco, mas também em dialogar e repensar o papel das ciências e o trabalho das e dos pesquisadores nesse contexto. Dada convivência tem sido documentada e experienciada por meio de documentos, encontros e diálogos, visando entender as dinâmicas deste território, fortemente ligadas à sociobiodiversidade de Itapuã nesse espaço relacional.

Para entender o contexto atual, faz-se necessário decorrer sobre a história violentada desta paisagem sobre seus habitantes ancestrais, os Mbyá Guarani, bem como a valoração deste espaço por seus habitantes. Em 1973 deu-se início a um processo de desapropriação de terras para a criação de uma unidade de conservação: o Parque Estadual de Itapuã (PEI). Como consequência, houve expropriação dos territórios onde viviam as comunidades que habitavam a região



então delimitada como PEI, sob a visão ambientalista de áreas protegidas vigente no momento. Mais de 20 anos depois, famílias Mbyá Guarani, lideradas por Turíbio Gomes e Adorfo Verá, decidem retomar o território situado dentro do PEI, reivindicando-o como algo que era seu por direito: como terra ancestral indígena. Apesar das múltiplas evidências que confirmavam a presença histórica neste lugar, autoridades decidiram pela proibição do acesso ao PEI pelos indígenas. As famílias Mbyá Guarani, entretanto, resistiram aos ataques e permaneceram em um lugar próximo ao PEI, construindo a aldeia Tekoá Pindó Mirim. Apenas em 2003, o governo do Estado comprou um lote de 25 hectares de terra destinada aos indígenas, de modo a regularizar a situação fundiária do lugar onde a aldeia se estabeleceu¹⁹

Desde então até os dias de hoje, diversas ações buscaram conciliar territorialidades, oriundas desde a academia, aos setores públicos vinculados ao meio ambiente e a própria sociedade civil. Algumas destas iniciativas foram capazes de se concretizar, enquanto muitas permaneceram apenas no papel. Dentre elas, destacam-se a ampliação da terra ocupada pela comunidade Mbyá Guarani; a proposta de um sistema de mosaicos de Unidades de Conservação e Terras Mbyá Guarani a partir de uma gestão compartilhada do território e de seus bens; o etnomapeamento para identificar lugares importantes para a comunidade; e o cadastro de indígenas para acesso gratuito nos espaços já públicos do PEI. Apenas esta última ação é formalmente consolidada, ainda que, junto à comunidade indígena, não represente uma abertura tão significativa. Ressalta-se, entretanto, as ações da atual gestão do PEI em melhorar e ampliar os vínculos do parque junto aos Mbyá Guarani. Considerando estes “avanços” e demonstrações de boa vontade do PEI para com os Mbyá Guarani, é necessário refletir sobre as distâncias que ainda os separam, sejam essas espaciais, culturais, sociais e/ou políticas.

É nesse contexto em que os autores se aproximam da história deste lugar e buscam compreender um pouco mais desta realidade, com especial atenção aqueles e aquelas que vêm construindo, resistindo e reexistindo na aldeia Tekoá Pindó Mirim. A produção de alimentos e a rede de trocas que decorre disto é, sem dúvidas, uma das formas de buscar a autodeterminação e a autonomia. A soberania e segurança alimentar e nutricional é ação direta em sua forma de resistir, nossos interlocutores o tem bem claro. A oportunidade de viver algumas das práticas que fortalecem essa relação do alimento com a terra, na busca da aldeia em acessar seus próprios alimentos e medicinas.

A comunidade Mbyá Guarani de Itapuã faz uma “agricultura de subsistência” que não necessariamente alcança suprir todas as necessidades alimentares das famílias, mas representa uma forma de produzir e de existir. No entanto, para eles, a subsistência se expande a comum concepção de cultivo, contendo também uma forte expressão cultural, enraizada junto a esferas religiosas, sociais e políticas. O alimento não é algo apenas físico, mas também parte do espiritual.

Ao permear um pouco mais de perto a história da aldeia, percebe-se que este espaço ainda sofre marcas de um modelo de produção, exploração e desenvolvimento que não é Mbyá Guarani. Dentro e ao redor da aldeia há forte presença de plantações de eucaliptos, e alguns quilômetros mais distante há

¹⁹ RIO GRANDE DO SUL, 2010. Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul: territorialidade, interetnicidade sobreposições e direitos específicos. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul / Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. Porto Alegre: ALRS/CCDH. 98 p.



cultivos de arroz e soja que também dificultam o seu viver bem. A aldeia Tekoá Pindó Mirim se caracteriza por ter uma topografia medianamente acidentada e com condições edafoclimáticas pouco apropriadas para a agricultura, com um solo extremamente arenoso. O espaço atual da aldeia pouco provê a variedade de espécies nativas e de uso tradicional, como também é limitado para desenvolver outras atividades tradicionais como a pesca e a caça.

O atual cacique da Tekoá Pindó Mirim, Arnildo Verá Moreira, discorre sobre como seus avós e outros anciões plantaram muitas das árvores presentes hoje na aldeia, sendo várias delas comestíveis, medicinais e/ou matéria prima para a produção de seus artesanatos. Ele entende que isto é uma das formas de manter e renovar a vida que circunda a aldeia, seja ela Mbyá Guarani ou não (contemplando igualmente a fauna nativa da região como, por exemplo, os macacos bugios).

Em relação ao uso da água e seus acessos, uma das situações mais emblemáticas na aldeia é vinculada a Lagoa Negra. As restrições ao seu acesso são diretamente vinculadas às dificuldades da comunidade exercer sua soberania e segurança alimentar e nutricional. No início dos anos 2000, houveram violentas reações por parte de guarda-parques do PEI contra Adolfo Vherá, liderança Mbyá Guarani, que neste período apresentava mais de 90 anos.

Adolfo foi “surpreendido” enquanto pescava na Lagoa Negra, sendo ameaçado por armas de fogo, tendo seu instrumento de pesca quebrado e sendo forçado a jogar de volta a lagoa os peixes pescados por ele. A força dessa violência é reforçada e lembrada durante uma tarde chuvosa, em que Arnildo rememora esta situação durante nossas conversas na aldeia. Ele nos conta que dias de chuva eram dia de pesca, tal como lhe ensinou seu avô - o mesmo avô que sofreu ameaças por pescar dentro de seu território ancestral. Assim, o ato da pesca, ainda que se constitua em um aprendizado junto aos mais velhos, atualmente se configura como um desafio, uma não-prática, dada as limitações impostas para praticar este costume. Tais limitações são expressas desde a dificuldade de acesso aos corpos d’água, pela proibição e pela distância física da aldeia aos corpos hídricos que banham o PEI (e que outrora também banhava suas terras ancestrais).

Considerações finais

Apesar dos obstáculos, os Mbyá Guarani seguem exercendo coletividades. Nossa vivência junto a eles, oportunizou participar de alguns dos plantios que se realizam na Tekoá Pindó Mirim. A batata doce, a mandioca e o milho foram as espécies priorizadas este ano (2019). A capina seguida do fogo controlado constituiu a primeira etapa do cultivo. O fogo em conjunto com a chuva são os elementos que ajudam a nutrir a terra de energia e esperança. As sementes plantadas darão os frutos e, conseqüentemente, os alimentos e as medicinas que serão compartilhados pelas famílias, entrelaçando a relação dos Mbyá Guarani com a terra.

O modo de ser Mbyá Guarani nos ensina sobre envolvimento e uma profunda relação de respeito com a sua terra e com todos os seres que aí habitam. Crianças, avós, homens e mulheres trabalham juntos no cultivo dos alimentos e dos sentires que isso representa. Suas ações nos convidam a refletir sobre coletividades: desde o ato de cozinhar, até o compartilhamento daquilo que é gerado por todos. A coletividade se expressa desde o momento de preparação da terra, ao seu cuidado e posterior aproveitamento.



A partir das reflexões aprendidas com eles e apresentadas aqui, reforçamos a necessidade de aprender com eles para poder evoluir sobre as individualidades edificadas pelas práticas ocidentais. Tanta riqueza, é ainda mais rica se compartilhada como nos ensina uma das integrantes da Tekoá Pindó Mirim “se os demais estão bem, eu também vou estar bem”.

Palavras-chave: Povos originários; Mbyá-Guarani; Unidades de Conservação; Soberania e Segurança alimentar e nutricional; Sociobiodiversidade.

Keywords: Native People; Mbyá Guarani; Conservation Units; Food and Nutrition Sovereignty and Security; Sociobiodiversity.